



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

RENAN MACHADO DE OLIVEIRA

**HILDEGARD DE BINGEN: UMA MULHER QUE MARCOU O MEDIEVAL
OCIDENTAL**

Tubarão

2017

RENAN MACHADO DE OLIVEIRA

**HILDEGARD DE BINGEN: UMA MULHER QUE MARCOU O MEDIEVAL
OCIDENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Clóvis da Silva, Msc.

Tubarão

2017

RENAN MACHADO DE OLIVEIRA

**HILDEGARD DE BINGEN: UMA MULHER QUE MARCOU O MEDIEVAL
OCIDENTAL**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em História e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em História, da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 06 de julho de 2017.

Professor e orientador Clóvis da Silva, Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Mario Cesár de Oliveira Cardoso, Esp.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Leonardo Rodrigues Inácio, Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico à minha família, que sempre estive
ao meu lado ajudando, por menor que
fosse a contribuição.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo de minha vida, não somente nestes anos como universitário, mas porque, em todos os momentos, Ele é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Ao meu orientador, professor Clóvis da Silva, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e palavras de incentivos.

Meus agradecimentos mais singelos aos meus amigos: André Arthur, por me emprestar muitos de seus livros e, muitas vezes, ser fonte de esclarecimento; ao meu amigo, Marcos Lemes, que nas noites de segunda e terça, sempre estava presente, acompanhando e ajudando no desenvolvimento do meu trabalho e, é claro, à minha amiga, Izidora B. Paz, ela que era a fonte de alegria nas noites da faculdade.

Aos companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida, com certeza.

E a todos que de forma, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu trabalho.

"Oh, figura feminina, como gloriosa você é!" (Hildegard de Bingen, 2015)

RESUMO

A Idade Média é taxada como “Idade das trevas”. A visão sobre este período acompanha o ocidente desde o Renascimento, designando tudo que advém dela como “ruim” e obscuro. O papel da mulher nas sociedades feudais, não escapou desse obscurecimento. Dessa forma, buscar-se-á nesse trabalho discorrer sobre: Hildegard de Bingen: uma mulher que marcou o medieval ocidental. E, para corroborar com a natureza do tema proposto e motivar a investigação, lançou-se a seguinte questão-problema: Como se deu a construção do perfil da mulher no medieval, com base na vida de Hildegarda de Bingen? A Idade Média, foi um período histórico com grandes avanços para humanidade, porém, com advento do Renascimento, ocorre uma grande negação ao período anterior a ele, sendo considerado como um tempo médio, indigno de sua existência. A mulher, durante toda história, era deveras esquecida e não mencionada, e com a chegada da Modernidade e a negação pelo período que a antecede, esse esquecimento agravou-se profundamente, mais do que em qualquer outro período da história. Dessa forma, será abordado duas visões a respeito do seu papel no medieval. Muitos são os exemplos de mulheres que marcaram esse período, porém, existe uma que merece uma especial atenção: Hildegard de Bingen, uma mulher religiosa que exerceu, dentro da igreja, considerável influência e importância.

Palavras-chave: Idade Média. Renascimento. Mulher. Hildegard de Bingen.

ABSTRACT

The Middle Ages are called the "dark ages." The vision of this period accompanies the West since the Renaissance, designating everything that comes from it as "bad" and obscure. The role of women in feudal societies did not escape this Manichaeism. Thus, we will seek in this work to discuss: Hildegarda de Bingen: a woman who marked the western medieval. And to corroborate with the nature of the theme proposed and to motivate the investigation, the following problem question was asked: How did the construction of the profile of women in the medieval era, based on the life of Hildegard de Bingen? The Middle Ages, was a historical past with great advances for humanity, but with the advent of the Renaissance, a great denial occurs to the period before him. Even today it is common to hear that the Middle Ages were the "Dark Ages", not diminishing their contributions in the various areas of knowledge. The woman throughout history was long forgotten and unmentioned, and with the advent of Modernity and negation for the preceding period, this oblivion worsened, becoming Alzheimer's. In this way two views will be approached regarding their role in the media. Many are the examples of women who marked this period, but there is one that deserves special attention: Hildegard de Bingen, a religious woman who exercised within the church considerable influence and importance.

Keywords: Middle Ages. Rebirth. Woman. Hildegard of Bingen.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Iluminura miniatura de Cristo Majestade.....	23
Figura 2 - Fachada da Catedral Notre Dame de Reims, França.....	24
Figura 3 - Fachada da Sé de Lisboa, Portugal.....	24
Figura 4 - A mulher como agente da perdição.....	32
Figura 5 - Hildegard de Bingen abadessa do mosteiro de Rupertsberg.....	35
Figura 6 - Hildegard recebendo a luz divina.....	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	12
1.2 JUSTIFICATIVA	12
1.3 OBJETIVOS	13
1.3.1 Objetivo Geral	13
1.3.2 Objetivos Específicos	13
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
2 A CIVILIZAÇÃO E A SOCIEDADE DO OCIDENTE MEDIEVAL	15
2.1 FILOSOFIA NATURAL	18
2.2 EDUCAÇÃO MEDIEVAL.....	19
2.3 O CORPO E A ARTE MEDIEVAL.....	21
2.4 O HEROÍSMO DA CAVALARIA	25
3 A MULHER NO CONTEXTO MEDIEVAL: UM ESTUDO SOBRE A VISÕES OTIMISTA E PESSIMISTA	27
3.1 OLHARES PESSIMISTAS	29
3.2 OLHARES OTIMISTAS	34
4 HILDEGARD DE BINGEN: A MULHER QUE UNIU O CÉU E A TERRA	42
5 CONCLUSÃO	51

1 INTRODUÇÃO

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A Idade Média vem sendo taxada como “Idade das Trevas”. A visão sobre este período acompanha o ocidente desde o Renascimento, designando tudo que advém dela como “ruim” e obscuro. O papel da mulher não escapou desta visão. Dessa forma, buscar-se-á nesse trabalho discorrer sobre: **Hildegard de Bingen: uma mulher que marcou o medieval ocidental**. Compreendendo a Idade Média, como um período histórico, onde a mulher era uma agente ativa, destaca-se a seguinte pergunta central: Como se deu a construção do perfil da mulher no medieval, com base na vida de Hildegard de Bingen?

1.2 JUSTIFICATIVA

O presente tema justifica-se pela importância que representa ao campo historiográfico, principalmente, pelo fato que até a contemporaneidade, a Idade Média é rotulada como “Idade das Trevas”. Nessa perspectiva, é sabido que o termo Idade Média é inventado pelo Renascimento, sendo taxado como um período de transição entre duas épocas, genuinamente indigna de sua existência e temporalidade, ou ainda, a Antiguidade Clássica e o alvorecer da Modernidade. Tal percepção é carregada, politicamente e ideologicamente, por uma classe em ascensão: a burguesia e humanistas filhos das cidades e das universidades geralmente sob o patrocínio daquela (FRANCO JÚNIOR, 2005).

Le Goff (2002, p. 138) diz que, “desde a antiguidade tardia e os primeiros Pais da igreja, o desequilíbrio entre os sexos é uma tendência a favor do masculino, assim como a constituição do feminino em conceito abstrato, marcaram o pensamento ocidental; nós o herdamos”. Porém, Pernoud (1993) diz que a mulher tinha muito mais liberdade na Idade Média do que na Idade Moderna.

Assim, Hildegard de Bingen é uma das mulheres que marcaram este período histórico. Filha de um casal de nobres, realizou inúmeras facetas: pregou em igrejas e conventos, trocava cartas com papas e cardeais, além de ser guia espiritual para nobres e compositora de inúmeras sinfonias (PERNOUD, 1996).

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar o perfil da mulher, por meio da vida de Hildegard de Bingen, na construção do medieval.

1.3.2 Objetivos Específicos

A fim de alcançar o objetivo geral, são propostos os seguintes objetivos específicos:

a) Expor aspectos no âmbito das artes, ciência, educação e sobre a cavalaria no medievo.

b) Discorrer sobre os olhares otimistas e pessimistas da história, que se vinculam ao papel da mulher no medieval ocidental.

c) Descrever a vida de Hildegard de Bingen no contexto do medieval, com ênfase nas teses otimistas e pessimistas da história.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa proposta para o trabalho monográfico, quanto ao seu objetivo, será a do tipo exploratória, pois proporciona “[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). Envolve levantamento bibliográfico, sem desenvolver análises mais detidas.

Quanto aos procedimentos na coleta de dados, serão aplicadas as pesquisas dos tipos bibliográfica e documental.

A primeira decorre da necessidade de se fazer leituras, análises e interpretações de fontes secundárias (livros, revistas, jornais, monografias, teses, dissertações, relatórios de pesquisa, doutrinas etc.). A finalidade desta consiste em colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito ou dito sobre o tema em estudo (MOTTA, 2012). É uma pesquisa que explica o tema em questão à luz dos modelos teóricos pertinentes.

A pesquisa documental baseia-se em fontes primárias ou documentais, uma vez que serve de base material ao entendimento da tese em questão. Pertence

ao campo da hermenêutica, pois o documento deve ser analisado como se apresenta, e não como quer que se apresente (MOTTA, 2012).

1.5 ORGANIZAÇÃO CAPITULAR

A etapa do desenvolvimento da presente monografia está estruturada em três capítulos. No primeiro, procurou-se desmistificar e desconstruir alguns preconceitos sobre a Idade Média. No segundo capítulo, mostra o papel da mulher na Idade Média, bem como alguns povos que irão influenciar aquela sociedade, sendo destacada as visões: Otimistas e pessimistas das mulheres na sociedade medieval. Por fim, abordar a vida de Hildegard de Bingen, com o intuito de elucidar aspectos da mulher religiosa e seu papel no medievo.

2 A CIVILIZAÇÃO E A SOCIEDADE DO OCIDENTE MEDIEVAL

A Idade Média trata-se de um período da história europeia de cerca de um milênio, ainda que seus limites cronológicos continuem a ser discutidos. Seguindo perspectivas particulares (às vezes políticas, às vezes religiosas, às vezes econômicas), já se falou em diversas datas para o ponto de partida da Idade Média: 330, com o reconhecimento de liberdade ao culto cristão; em 392, com a oficialização do cristianismo; 476, com a queda do último imperador romano e em 698, com a conquista muçulmana sobre Cartago. Para seu término, já se pensou em: 1453, com a tomada da capital do Império Bizantino, Constantinopla, pelos turcos-otomanos; 1492, com a descoberta da América ou 1517, com o início da reforma protestante (FRANCO JUNIOR, 2006).

Porém, é preciso compreender a História como um processo e, como diz Franco Junior (2006), renunciar à busca de um fato específico para determinar o início ou o fim de um período. Mesmo assim, não é consenso o século que se deu passagem da Antiguidade para a Idade Média. Então, passou a subdividir a história medieval em fases que apresentam certa unidade interna.

Assim, será adotada a periodização de Franco Junior a fim de compreender as estruturas medievais. O período que se estende do século IV a meados do século VIII, apresentará feições próprias, não mais condizentes com a Antiguidade e ainda não claramente Medieval. Desse modo, seja melhor denominá-la de Primeira Idade Média, ao invés de Antiguidade Tardia, pois, ali já se teve início dos três elementos históricos que compuseram o período medieval, chamados de fundamentos da Idade Média: herança romana clássica, herança germânica e cristianismo (FRANCO JUNIOR, 2006).

A Alta Idade Média surgiu em meados do século VIII e fins do século X, quando se atingiu uma nova unidade política, com Carlos Magno, porém, sem romper com as forças que levariam a fragmentação feudal. Todavia, para alcançar essa ilusória unidade, a dinastia Carolíngia necessitou da legitimação da Igreja, que se considerava a verdade herdeira do Império Romano. Com esse encontro entre a Igreja e o Império, iniciou-se uma expansão territorial cristã sobre as regiões pagãs. Como resultado, deu-se a transformação do latim nos idiomas neolatinos, surgindo no fim do século X textos literários na língua vulgar (FRANCO JUNIOR, 2006).

Essa fase termina com uma nova onda de invasões, erguendo-se a Idade Média Central, considerada, a grosso modo, a época do feudalismo que perdurou até o século XIII. Vale ressaltar que o feudalismo surgiu em detrimento à crise geral do século X. Esse período também foi marcado por uma forte expansão populacional e, conseqüentemente, territorial, onde com a maior procura de mercadorias e a maior disponibilidade da mão de obra, a economia ocidental foi revigorada e diversificada. As produções culturais fizeram jus a esse período que ficou conhecido como a fase de ouro da Idade Média, com grandes avanços literários, na educação, filosofia e nas ciências (FRANCO JUNIOR 2006; PERNOUD 2016).

Esse período assumiu a verdadeira face do feudalismo, uma sociedade fortemente estratificada, agrária e fragmentada politicamente. Também nasceu o segmento urbano, mercantil, visto que várias personalidades irão ascender, dentre elas, mulheres, antes administradoras do lar, se tornaram comerciantes. Vale ressaltar que esse período expressava, ao mesmo tempo, as mudanças decorrentes das estruturas feudais, onde um novo personagem surgiu, sendo este a burguesia (MACEDO, 1990; FRANCO JUNIOR, 2006).

Esse período pode ser considerado a fase de ouro da idade média, devido às grandes mudanças nas estruturas medievais: o surgimento das cidades, as universidades, a literatura vernácula, a filosofia racionalista, a ciência empírica, as monarquias nacionais. Teve grandes alterações na mentalidade e nas crenças da época, pensadores surgiram com novas concepções, contrapondo nomes da Primeira Idade Média, como será visto no segundo capítulo com São Tomás de Aquino e os pensadores misóginos (FRANCO JUNIOR, 2006; PERNOUD, 2016).

A Baixa Idade Média (século XIV a meados do século XVI) representou o rompimento com os novos tempos, a Modernidade. Com a contínua expansão demográfica, econômica e territorial nos séculos XI-XIII, levou o sistema aos seus limites de funcionamento. Sua recuperação no século XV se deu em novos moldes, criando novas estruturas, porém assentados sobre elementos medievais: o Renascimento, baseado no renascimento do século XII; os Descobrimentos, continuadores das viagens dos normandos e dos italianos; o Protestantismo e o Absolutismo, com a centralização do poder na mão do monarca (FRANCO JUNIOR, 2006).

Contudo, ainda se faz necessário compreender de onde surgiu a fama da Idade Média ser considerada a Idade das Trevas. Ou mesmo quando esse período

foi designado como um tempo médio, haja vista que as pessoas desse período não se identificavam como tal, mas, sim, contemporâneos de sua época. Como diz Franco Junior (2006, p. 11):

[...] o termo expressava um desprezo indisfarçado em relação aos séculos localizados entre a Antiguidade Clássica e o próprio século XVI. Este se via como o renascimento da civilização greco-latina, e portanto tudo o que estivera entre aqueles picos de criatividade artístico-literária (de seu próprio ponto de vista, é claro) não passara de um hiato, de um intervalo. Logo, de um tempo intermediário, de uma idade média.

Ainda, visa-se a compreender como de fato foi a Idade Média, evitando a simples tendência de apenas transplantar conceitos pós-modernos ao rever este período. Nessa perspectiva:

A Idade Média, como qualquer outra temporalidade histórica, não obstante, de forma agravada, será sempre uma construção contemporânea do passado, mais do que o passado mesmo. Se o historiador avisado sabe que não deve ir ao passado exclusivamente em busca de seu presente, tendo por parâmetro seus valores e cosmovisões, pois cometeria os pecados mais graves à História, ou ainda, os anacronismos e valores de juízo, ele praticamente não consegue levar outras questões ao passado que não sejam aquelas de seu mesmo presente, já que esse ponto de partida é a própria razão das escolhas temáticas e metodológicas de praticamente todos os estudos historiográficos (DUBY, 1993, p. 9).

Franco Júnior (2006. p. 12), comenta que:

[...] a Idade Média teria sido uma interrupção no progresso humano, inaugurado pelos gregos e romanos e retomado pelos homens do século XVI. (...) tempos de barbárie, ignorância e superstição. Os protestantes criticavam-nos como época de supremacia da Igreja Católica. Os burgueses capitalistas desprezavam tais séculos de limitada atividade comercial. (...). Os intelectuais racionalistas deploravam aquela cultura muito ligada a valores espirituais.

Atualmente, muitos autores (Pernoud, 1979; Franco Júnior, 2001; Costa, 2017; Le Goff, 2002) negam a ideia de que a Idade Média foi a “Idade das Trevas” e que atrasou o progresso intelectual e civilizacional. Para eles, tal preconceito não passa de uma das visões de um período que durou cerca de 1000 anos. Esse preconceito já foi exposto e refutado pela historiografia há mais de um século, desde que, pelo menos, Marc Bloch (1999), publicou seu livro “Reis Taumaturgos”.

De acordo com Baschett (2006), a cerca de dois séculos a Idade Média caminha entre os dois extremos.

Faz agora dois séculos ao menos que a Idade Média é balançada de um extremo a outro, sombrio contraponto dos partidos da modernidade, ingênuo refugio daqueles a quem o presente moderno horroriza. Existe de resto um ponto comum entre a idealização romântica e os sacarmos modernistas: sendo a Idade Média o inverso do mundo moderno (o que é inegável) a visão que se tem dela é inteiramente determinada pelo julgamento feito pelo presente. [...] (BASCHETT, 2006, p. 24).

Assim, vê-se que, principalmente na Idade Média Central, um caudal de benefícios que não se restringem apenas à vida cotidiana, influenciando as diversas áreas. Nessa perspectiva, será dada uma atenção especial nas contribuições das diversas áreas, essas, muitas vezes, negligenciadas ao rever esse período. Serão examinados alguns desses campos nos tópicos a seguir.

2.1 FILOSOFIA NATURAL

A grande crítica com relação a Idade Média gira, muitas vezes, em torno da filosofia e da ciência medieval, que tinha por pretensão a união da fé à ciência. Porém, a ciência medieval, então designada de “filosofia natural”, se considerava distinta embora não separada totalmente da teologia. A filosofia medieval foi redescoberta e estudada recentemente, a ponto de só no século passado ter-se descoberto que o conceito de “ser” e de “ato” em Tomás de Aquino é diverso ao de Aristóteles (ALÁRCÓN, 2008).

A ciência desenvolvida na Idade Média recebeu uma grande influência da igreja cristã. Sendo que muitas teorias clássicas não foram utilizadas por pensadores medievais, tendo em vista que na antiguidade clássica, defendia-se que o mundo era eterno por si próprio, mas para a mentalidade medieval o mundo havia sido criado por Deus, não sendo eterno, mas sim temporal.

Assim, Jean Buridan (1285-1358) surge como um dos grandes expoentes medievais. Ele foi o principal teorizador sobre o movimento e inércia dos corpos físicos. Durante sua pesquisa ele procurou descobrir como “os corpos celestes, uma vez criados, puderam começar a mover-se e permanecer em movimento na ausência de uma força que os continuasse a propelar” (WOODS, 2014, p. 79). Buridan (*apud* WOODS, 2014, p. 79)conclui que:

Deus, após ter criado os corpos celestes, lhes havia conferido o movimento, e que esse movimento nunca se havia dissipado porque os corpos celestes, movendo-se no espaço exterior, não encontravam atrito e, que, portanto, não sofriam nenhuma força contrária que pudesse diminuir a sua velocidade ou interromper o seu movimento.

Pode-se destacar que a principal diferença entre a ciência medieval com a ciência moderna, é o fato que a última desenvolveu técnicas, ou seja, criou diversos mecanismos e aparatos, tais como o telescópio e o microscópio, com o objetivo de melhorar na observação dos fenômenos. Com a ciência moderna nasceu uma nova concepção de mundo, onde os cosmos não eram ordenados e fechados, mas um universo infinito de dimensões matematizáveis (WOODS, 2014).

2.2 EDUCAÇÃO MEDIEVAL

Apesar das críticas ao sistema de ensino medieval, ligadas ao acesso e ao domínio da educação pela igreja, é necessário recordar que a universidade foi uma invenção medieval do século XIII. A invenção dos termos e dos graus de Licenciatura, Bacharelado, Mestrado, Doutorado ainda existentes e universais na atualidade, foram todos feitos pela Idade Média (ROPS, 2012). Não apenas o próprio livro como conhecemos hoje – o códex – foi uma invenção medieval, que substituiu o volume, o rolo antigo (PERNOUD, 1979).

A educação na antiguidade clássica se dedicava as setes Artes Liberais: *Trivium* (Gramática, Retórica e Dialética) e o *Quadrivium* (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música), porém, na Idade Média surgiu um novo conceito para Educação (COSTA, 2017). Uma vez que a própria concepção da palavra significava: educação, *educe*, “fazer sair”, “extrair”. Assim, relacionavam a educação com verbo *nutrir*: sendo o mestre o *nutridor* e o estudante o *nutritus*. O mestre era o principal responsável por nutrir o conhecimento do aluno e, nessa perspectiva, ele considerava educação como um ato saboroso para o intelecto – daí o significado etimológico de sabor para a palavra saber (BRAVO, 2000).

A própria leitura mental foi uma invenção da “idade das trevas”, que inexistia na Antiguidade. Surgiu no século IX, tendo sido possibilitada pela Renascença carolíngia e pela invenção da letra minúscula, acentos e espaçamentos entre as palavras, que não existiam antes e exigiam a leitura em voz alta de toda a sentença para depois entender seu sentido (WOODS JR, 2014).

Deve-se, também, lembrar que todos os livros que chegaram até a atualidade, vieram por meio do trabalho dos monges copistas (WOODS, 2014). Sendo que a atual ciência só pôde germinar devido ao contexto existente na Idade Média e ao racionalismo que marcou a escolástica (GRANT, 2004).

Como afirma Franco Júnior (2006, p. 158), se deve à Idade Média o patrimônio linguístico ocidental:

[...] Uma terça parte da população mundial, isto é, 2 bilhões de pessoas pensam e se exprimem com instrumentos linguísticos forjados na Idade Média. De fato, ao lado do latim legado pela Antiguidade – e durante a Idade Média empregado nos ofícios religiosos, nas atividades intelectuais e na administração, mas língua morta no sentido de não ser mais língua materna de ninguém –, no século VIII nasceram os idiomas chamados de vulgares, falados cotidianamente por todos, mesmo pelos clérigos. Correndo o risco de simplificar em demasia um processo longo e complexo, pode-se dizer que aqueles idiomas se formaram da interpenetração – em proporção diferente a cada caso – do celta, do latim e do germânico.

Muitas das coisas da qual se conhece hoje, foram criadas no período medieval.

[...] alguns: calça comprida (século V), atrelagem rígida de animais de tiro, ferradura (ambos do século X), colher (século XI), álcool (Ca.1100), atrelagem animal em fila, moinho de vento, leme vertical, chaminé, tear com pedal (todos do século XII), camisa com botão (Ca. 1204), óculos (Ca. 1285), roda dentada (1298), carrinho de mão, ferro fundido, luneta, serra hidráulica, macaco-elevador, roda de fiar, espelho de vidro (todos do século XIII), fole hidráulico (1311), garfo, relógio mecânico (os dois do século XIV), portulano e imprensa de tipos metálicos móveis (século XV) (FRANCO JUNIOR, 2006, p. 163).

A Idade Média, foi uma época com uma forte religiosidade, onde não pode-se negar as raízes cristãs, que influenciaram a mentalidade das sociedades contemporâneas. A colonização portuguesa no Brasil é uma prova dessa influência que ficou marcada através dos hábitos, tradições e instituições (FRANCO JUNIOR, 2006). Tais como: a família patriarcal, a literatura de cordel nordestina, o calendário com a grande maioria de feriados oficiais de origem religiosa medieval, as irmandades, o culto aos santos e as superstições são algumas características que nos remetem no tempo (FRANCO JUNIOR, 2006).

Os dois elementos culturais que enquadram a consciência de nacionalidade são de origem medieval. O nome de nosso país vem da “ilha afortunada” O’Brazil, identificada nos séculos XIV-XV com as Canárias, antes de sê-lo com a América. A tradicional associação da terra descoberta

por Cabral com a madeira tintorial aí encontrada (o pau-brasil) desconsidera que a própria madeira tirara seu nome da mítica ilha medieval. O idioma, obviamente, é aquele introduzido e imposto pelos colonizadores, idioma que, como todos os do mundo ocidental, nascera na Idade Média (FRANCO JUNIOR, 2006, p. 168).

É notório as heranças do período medieval para a contemporaneidade, sendo que muitos deles estão ainda presentes no atual cotidiano, seja no âmbito linguístico, educacional, filosófico ou utensílios (óculos, garfo, espelho etc.).

2.3 O CORPO E A ARTE MEDIEVAL

É comum a crença de que foi somente no Renascimento que surgiu uma valorização do corpo humano, por si mesmo. Não obstante, o corpo já era objeto de reflexão e valorização no seio da mentalidade medieval, por exemplo, Isidoro de Servilha (560-636), no século VII, elaborou uma definição própria para o corpo:

O corpo é denominado assim porque, ao se corromper, perece. É decomposto e mortal, e deve se dissolver. Por sua vez, carne é uma palavra derivada de criar (*creare*). O sêmen do macho é denominado *crementum*, pois a partir dele se concebem os corpos dos animais e dos homens. Por isso, os pais são chamados “criadores”. A carne está integrada pelos quatro elementos: é terra porque tem carne; ar, na respiração; líquido, no sangue, e fogo, no calor vital. Cada um desses elementos ocupa sua parte própria, e retorna à sua essência quando a integridade corporal se dissolve.[...]O significado de ‘carne’ e de ‘corpo’ é diferente. A carne sempre é corpo, mas nem sempre o corpo é carne. A carne tem vida enquanto vive no corpo. O corpo que não vive não é carne. Assim se dá o nome de ‘corpo’ ao que está morto depois da vida ou ao que nasceu sem ela. É comum ver corpos com vida, mas carentes de carne, como a erva ou as árvores (...) A parte fundamental do corpo é a cabeça. E se chama *caput* porque nela têm origem todos os sentidos e todos os nervos, e porque dela procede todo o princípio da vida. Nela se encontram todos os sentidos, e ela é como a personificação da alma, que vela pelo corpo (SERVILHA *apud* COSTA, 2017).

Costa (2017) ainda afirma que, com o passar do tempo, esse conceito foi se modificando e novas definições surgiram.

No século XII, o corpo é percebido como uma mansão. Um deleite para os sentidos. Maravilhoso, a disposição de suas partes é esteticamente louvada. Essa linha de força de natureza platônica – mesmo que em um platonismo matizado, invertido – proporcionará o que os especialistas nomearam humanismo cristão. Essa nova corrente filosófica estetiza o corpo, torna-o passível de apreciação, de deleite estético. Na Arte, sua materialização ensejou delicadas obras esculturais, como, por exemplo, o Adão de Cluny (c. 1260), verdadeiro precursor das obras de arte do Humanismo moderno.

No que tange à arte a Idade Média, ela ignora a “arte pela arte”, é na sua utilidade que mora toda sua beleza.

Uma igreja é um local de oração, e, se a arquitectura das nossas catedrais variou de acordo com as épocas e com as províncias, é porque estava estreitamente ligada às necessidades do culto local. Não há uma capela, um vitral que tenham sido colocados gratuitamente ou acrescentados por pura fantasia; o mesmo na arquitectura civil e militar, onde todos os pormenores de um torreão, de uma torre ameada, obedecem às comodidades da defesa e se modificam à medida da evolução das armas ofensivas (PERNOUD, 1997, p. 144).

Durante esse período, criou-se a prática de iluminar os manuscritos, designadas de Iluminuras. A iluminação é a arte de ilustração e ornamentação de manuscritos, por meio de pinturas “com cores vivas, ouro, prata, letras iniciais, flores, folhagens, figuras e cenas, em combinações variadas, ocupando parte do espaço reservado ao texto e estendendo-se pelas margens, em barras ou molduras” (GODOI, 2009).

Os autores das iluminuras podiam ser clérigos copistas ou artistas viajantes que procuravam emprego. A confecção de iluminuras iniciou-se juntamente do período carolíngio. Por influência da heresia iconoclasta, criada no Império Bizantino, possivelmente influenciada pela doutrina islâmica, no Ocidente carolíngio surgiram inúmeras discussões teóricas a respeito do lugar das obras de arte na religião e culto cristãos, e por consequência, também, em toda a sociedade. Os “Livros carolinos” (*Libri carolini*), escritos nessa época pelo bispo Teodulfo, a pedido de Carlos Magno, embora proibam a veneração de imagens¹, reconhecem a função didática e estética das mesmas (DUBY, 2002), afirmando que somente “pela linguagem das Escrituras a Verdade de Deus pode ser transmitida” (GODOI, 2009).

¹ Prescrição revertida pela Igreja após a morte de Carlos, uma vez que a Igreja defendia o culto das mesmas

Figura 1- Iluminura miniatura de Cristo Majestade



Fonte: .wikimedia.org, 2017.

Godoi (2009) comenta sobre a utilização de imagens em livros litúrgicos.

[...] os clérigos elaboraram razões e autoridades que justificavam o uso de imagens nos cultos, como a *Carta a Serenus*, onde o papa Gregório da permissão para a veneração das imagens, pois essas podem além de ensinar, lembrar e comover os corações cristãos que as contemplam, a autoria dos iluminadores não se torna constante nos manuscritos.

Outra característica que marcou a arte medieval foi o estilo gótico e românico, sendo conhecidas como a Arte das Catedrais. Apesar desses estilos arquitetônicos terem surgido no período medieval, possuem singularidades que os distinguem. Uma das principais características que diferem entre a igreja gótica e a românica é a fachada. Enquanto, de modo geral, a igreja românica apresenta um único portal, a igreja gótica tem três portais que dão acesso às três naves do interior da igreja: a nave central e as duas naves laterais (GLANCEY, 2007).

Figura 2 - Fachada da Catedral Notre Dame de Reims, França.



Fonte: wikimedia, 2017.

Figura 3 - Fachada da Sé de Lisboa, Portugal.



Fonte: wikimedia, 2017.

Longe de ter sido obscura, a Idade Média foi uma época em que o gênio humano se manifestou de maneira memorável nas artes: letras, música, arquitetura, pintura, filosofia, dando às suas produções um toque transcendental, intimamente religioso e inspirado na fé.

2.4 O HEROÍSMO DA CAVALARIA

A Idade Média deixou uma de suas imagens mais recorrentes que persiste na memória de todos aqueles que têm o mínimo de curiosidade sobre esse período. Esta imagem é a dos cavaleiros.

Ao lembrar-se dela, sempre se pensa atos heroicos, grande senso de justiça e de comprometimento. Essa visão também é muito abordada em filmes que remontam à época. Huizinga, em seu livro “O Declínio da Idade Média”, descreve o perfil do guerreiro e as atribuições do fantástico que lhe são impostas.

O guerreiro nobre tem de ser pobre e livre dos apegos terrenos. «Este ideal do homem bem nascido sem haveres», diz William James, «estava incorporado na cavalaria andante e nas ordens religiosas como a dos Templários, e medonhamente corrompido como sempre esteve, domina ainda sentimentalmente, se não na prática, nas perspectivas militares e aristocráticas da vida. Nós glorificamos o soldado como o homem absolutamente desembaraçado. Nada possuindo senão a sua vida e desejoso de a arriscar sempre que a causa lho imponha, ele é o representante da liberdade absoluta na direcção do ideal.» A cavalaria medieval, sua primeira floração, estava destinada a misturar-se com o monaquismo. Desta união nasceram as Ordens Militares dos Templários, de S. João, dos Cavaleiros Teutónicos, e também as dos espanhóis. Em breve, porém, ou melhor, logo no começo, a realidade abastarda o ideal e do mesmo modo o ideal vai voando cada vez mais para as regiões da fantasia, para preservar ali os traços do ascetismo e do sacrifício muito raramente visível na vida real. O cavaleiro andante, fantástico e inútil, será sempre pobre e sem apegos, como os primeiros templários o foram (HUIZINGA, 1985, p. 57).

Não se pode desconsiderar na sua totalidade, ou considerar “superficiais” elementos religiosos como: compaixão, fidelidade e justiça. Entretanto, não se pode caracterizar como puramente religioso, são também “eróticos” (HUIZINGA, 1985).

O cavaleiro e a sua dama, ou, por outras palavras, o herói que serve por amor — é este o motivo primário e invariável de onde a fantasia erótica partirá sempre. É a sensualidade transformada em ânsia de sacrifício, no desejo revelado pelo macho de mostrar a sua coragem, de correr perigos, de ser forte, de sofrer e sangrar diante da amada. [...]O homem não se contentará somente com sofrer; ambicionará salvar do perigo ou do desespero o objecto do seu desejo. Um estímulo mais veemente se juntará ao motivo primário: a característica principal será a de defender a virgindade em perigo — por outras palavras, o de bater o rival. É este, então, o tema essencial da poesia do amor cavalheiresco: o jovem herói libertando a virgem (HUIZINGA, 1985, p. 58).

Dessa forma, a Idade Média cultivou um romantismo, evidenciado pela poesia lírica. Uma expressão de desejo requintado, um romance de aventura, “sem que jamais perdesse o encanto para os contemporâneos” (HUIZINGA, 1985, p. 59).

Assim, ve-se que, ao contrário do que pregavam os Renascentistas do século XV, a Idade Média, não foi apenas um tempo de transição, tampouco das trevas. Entretanto, essa visão perdurou até o século XX, quando destinaram pesquisas sobre essa época. Porém, não fugiu do obscurecimento a questão da mulher nas sociedades medievais. Nessa perspectiva, será discorrido sobre a mulher nas sociedades medievais, no próximo capítulo.

3 A MULHER NO CONTEXTO MEDIEVAL: UM ESTUDO SOBRE A VISÕES OTIMISTA E PESSIMISTA

Ao se estudar o período medieval, poucos são os exemplos de mulheres, que de alguma forma influenciaram ou marcaram essa época. É notório que, durante toda história, as mulheres eram esquecidas e não mencionadas, e com o advento da Modernidade e a negação do período que à antecedeu, esse esquecimento agravou-se profundamente, sendo as mulheres ainda mais deixadas de lado do que nos períodos anteriores.

Ainda na atualidade são recentes e escassos os estudos em torno do feminino na Idade Média, sendo poucos os autores que se aventuraram a desbravar essa temática, dentre eles pode-se destacar alguns historiadores, como Jacques Le Goff, Régine Pernoud e Georgy Dubby, que se dedicaram a estudá-las.

Observa-se, após a análise da literatura especializada sobre a mulher medieval, que os historiadores se dividem em duas vertentes e visões antagônicas sobre o papel da mulher: uma defende a ideia que a mulher era passiva e sinônimo de pecado e luxúria, e a outra defende que ela participou ativamente neste período, desempenhando papéis políticos e influenciando as estruturas medievais.

Porém, antes de discorrer sobre a mulher nas sociedades medievais sobre a ótica otimista e pessimista, é importante saber qual papel a mulher desempenhava nas sociedades que influenciaram o período medieval. De acordo com Macedo (1990, p. 9) :

Os costumes desses grupos humanos em certa medida condicionaram as tradições vigentes no Ocidente medieval. A interpretação de certos hábitos dos celtas, romanos e germânicos com a cultura cristã teve peso considerável na concepção medieval da mulher.

No Império Romano, tinha-se a noção de inferioridade da mulher com relação ao homem. Não ocupavam cargos públicos, políticos e administrativos, restringindo-se às atividades domésticas, onde a casa era chefiada pelo pai, marido ou sogro. A liberdade que exercia estava intimamente ligada a sua posição social, entretanto, não dispunha da liberdade de escolher seu próprio marido (MACEDO, 1990).

Pernoud (2016, p. 140) ainda diz:

Ora, o direito romano não é favorável à mulher, nem tampouco à criança. É um direito monárquico, que só admite um fim. É o direito do pater famílias, pai, proprietário e, em sua casa, grande-sacerdote, chefe da família com poderes sagrados, sem limites ao que concerne a seus filhos: tem sobre eles o direito de vida e morte – e da mesma forma para com sua mulher.

Vale lembrar que o código romano não esteve presente em todas as regiões que compreendiam o período medieval.

Ele é o direito, por excelência, dos que querem firmar uma autoridade central estatizada. [...] Em meados do século XIII, o imperador Frederico II, cujas tendências eram as de um monarca, fez desse tipo de direito a lei comum dos países germânicos. A universidade que ele funda, em Nápoles ministra o estudo do direito romano, tão bem que esse direito regeu a instituições e os costumes dos países germânicos numa época em que o Ocidente não o admitia ainda (PERNOUD, 2016, p. 139).

Nas sociedades célticas, ao contrário das sociedades greco-romanas, as mulheres estavam em pé de igualdade com os homens. Sendo nessa sociedade onde a mulher mais gozava de liberdade e de considerável independência, tendo equidade jurídica entre ambos os sexos (MACEDO, 1990; PERNOUD, 2016). “A mulher solteira tinha autonomia na realização do matrimônio e direitos importantes quando casada. O homem era chefe da família, não do casal” (MACEDO, 1990, p. 10).

Por sua vez, nas leis irlandesas que permaneceram vigentes ainda na Alta Idade Média, previam três casos distintos na relação conjugal, ligadas estritamente às condições monetárias. Quando a mulher provinha de família tão abastada quanto a do marido, possuía uma relação de equidade entre ambos. Entretanto, quando suas riquezas fossem menores que a do marido, seus direitos eram reduzidos, contudo, quando possuía uma fortuna maior que o marido, esta era, sem dúvidas, a chefe da família. “[...] eliminando quase que totalmente a autoridade do companheiro. Nesse caso ele era chamado de *Ferfognama*, quer dizer, *homem de serviço*, ou ainda *Fer for ban thincur*, ou seja, *homem sobre poder de mulher*” (MACEDO, 1990, p. 11).

Nas sociedades germânicas, a mulher estava ao lado do homem em todas as atividades, sejam em guerras, expostas ao perigo, ou atividades domésticas e agrícolas (MACEDO, 1990). Algo que gera espanto era a quantidade ínfima de casos de adultério, sendo que quando ocorria “[...] a infidelidade feminina

era castigada com a morte e repúdio, já que a mulher era guardiã da pureza [...]” (GUERRAS, 1987, p. 87).

Entretanto, segundo Macedo (1990), quando os povos germânicos se estabeleceram além das fronteiras do império, entre os séculos III e V, ocorreu uma profunda regressão da sua importância na sociedade, transparente nos estudos dos códigos das leis barbaras, composta entre os séculos V e VII.

É notório que a condição da mulher variava de acordo com o meio social a qual estava inserida. Nessa perspectiva, o seu papel no período medieval era drasticamente influenciada por esses povos que compuseram as sociedades feudais. Assim, surgiram estudos acerca do papel da mulher nas sociedades feudais, onde pode-se destacar duas visões sobre ela: o olhar pessimista e o olhar otimista.

3.1 OLHARES PESSIMISTAS

As mulheres, como já dito, foram muitas vezes, esquecidas na história e, mesmo na atualidade, estudos sobre ela no medievo são escassos. Assim, muitos historiadores se aventuram a estudá-la não só por meio da iconografia, buscando na literatura meios de compreender seu papel no medievo.

“Assim, na leitura religiosa é possível constatar alguns conceitos que os clérigos elaboravam a respeito da mulher. Nestes, coexistiam dois pontos de vista apostos; uma da mulher essencialmente má, e outro, da mulher perfeita” (MACEDO, 1990, p. 42).

A ideia da mulher ser essencialmente má estava intrinsicamente ligada à história bíblica de Adão e Eva. Associando a mulher à Eva como “a suprema tentadora e obstáculo para a salvação” (LOYN, 1997, p. 622), sendo essa retomada, analisada e explicada por pensadores cristãos misóginos, como São Paulo e os patrísticos (MACEDO, 1990; LYON 1997; DURANT, 1957b).

Misoginia, de forma lata, significa uma atitude de ódio e desprezo pelas mulheres. Pode-se observar esse sentimento em algumas notáveis personalidades

medievais, como Jerônimo², Tertuliano³, Gregório⁴ e outros. Em seus escritos, as mulheres eram representadas como possuindo uma natureza essencialmente má, razão pelo qual levam, inevitavelmente, o homem ao pecado. O arquétipo e figura simbólica mais significativa dessa relação assimétrica entre os sexos, é a de Eva e Adão, considerados primeiros pais da humanidade para os medievais (LOYN, 1997).

Muitos pensadores não admitiam a ideia de que Eva, assim como Adão, houvesse sido criada a imagem de Deus. Considerando-a uma mera criação a partir de Adão, sendo este, uma projeção do Divino. “Essa distinção e gradação entre homem, dotado da imagem divina (*imago*), e a mulher, detentora apenas da semelhança divina (*similitudo*), forneceu aos teólogos uma prova da inferioridade natural do sexo feminino” (MACEDO, 1990, p. 42).

Algo que está no centro das discussões teológicas foi o pecado original.

A maioria dos pensadores, desde São Paulo, basearam a argumentação em defesa da “superioridade natural” do homem na fraqueza de Eva ante a sedução de Satã. Apenas Santo Ambrósio, do século V, no *De Paradise*, isentou Eva e a mulher da responsabilidade do pecado. Não que a admirasse. A isenção se justifica, segundo Ambrósio, pela própria natureza dos sexos. Para ele, como para outros pensadores, a inteligência (*mens*) está relacionada ao homem enquanto a sensibilidade (*sensus*) está relacionada à mulher. A inteligência, argumentava, é superior à sensibilidade. Logo, o homem é superior à mulher. Mas os dois, assim como a inteligência e a sensibilidade são indispensáveis um ao outro. Santo agostinho, o maior representante do pensamento cristão na sua fase de afirmação sobre o Ocidente, no *De Genesi contra Maicheos*, considerava sujeição feminina na ordem natural das coisas. O homem deveria ser governado apenas pela sabedoria divina. Ela, pelo contrário, deveria ser governada pelo homem tal qual o corpo deve ser governado pela alma, a razão viril deveria dominar a parte animal do ser (MACEDO, 1990, p. 43).

² Também conhecido por Jerônimo de Estridão, nasceu por volta de 347, nos confins da Dalmácia e da Panónia. Estudou humanidades em sua terra natal e depois em Roma, foi um sacerdote cristão ilírio, destacado como teólogo e historiador e considerado confessor e Doutor da Igreja pela Igreja Católica (OLIVEIRA, 2017).

³ Foi um prolífico autor das primeiras fases do Cristianismo, nascido em Cartago na província romana da África. Ele foi o primeiro autor cristão a produzir uma obra literária (*corpus*) em latim. Ele também foi um notável apologista cristão e um polemista contra a heresia (OLIVEIRA, 2017).

⁴ Papa Gregório I, conhecido como Gregório Magno ou Gregório, o Grande, foi papa entre 3 de setembro de 590 e sua morte, em 12 de março de 604. Foi o primeiro papa a ter sido monge antes do pontificado. É reconhecido como um Doutor da Igreja, é venerado como santo por católicos, ortodoxos, anglicanos e alguns luteranos. Foi canonizado assim que morreu por aclamação popular, como era o costume (AQUINO, 2017).

A utilização arquetípica da imagem de Eva teve um enorme efeito moral. Sendo que o pecado original ainda foi fonte de inspiração para várias obras literárias, divulgadas a um público amplo. Entre os anos de 1150 e 1170, ocorreu uma encenação teatral, com o nome *Jeu d'Adam*, na corte dos Plantagenetas e apresentada a leigos na Inglaterra no século XII (MACEDO, 1990).

A construção do drama demonstra forte influência da mentalidade religiosa e aristocrática. Adão é apresentado como se fosse vassalo de Deus. O paraíso nesse sentido, simboliza o feudo, um bem que estreita suas relações. Eva aparece como vassala de Adão e apenas como segunda vassala do criador. O desenvolvimento da peça esclarece ainda mais as transposição de realidades sociais para o plano literário. Satã tenta iludir Adão sem obter sucesso. Ele permanece fiel a Deus como um vassalo deve manter-se fiel ao senhor. Satã seduz Eva. Ao fazê-lo tentou romper a hierarquia reinante no paraíso para estabelecer, entre a mulher e o homem, e ao mesmo tempo o homem e Deus, a igualdade, isto é, a desordem (MACEDO, 1990, p. 43).

Assim, Eva leva Adão ao pecado, Deus como exímio senhor feudal, expulsa-lhes do feudo. O homem ressentido com a mulher, a culpa por ter caído em desgraça. Fica claro, nesta peça, seu sentido moral. O autor deixa bem nítida a misoginia, principalmente quando Eva confessa seus pecados ao público que assistia. O homem, bom vassalo, resistiu ao pecado, enquanto a mulher, “parte débil da natureza humana, ao mesmo tempo seduzida, foi a causa de perdição de ambos” (MACEDO, 1990, p. 44).

A representação da mulher como sedutora e que leva o homem a perdição está intrinsecamente ligada a sensualidade feminina, que sempre esteve ao centro das reprovações, representando um obstáculo à retidão do sexo masculino. Sendo que, para os ascetas, o pecado da luxúria habitava unicamente o corpo feminino. Na iconografia, o pecado da luxúria era simbolizada por uma bela mulher, que, por sua vez, estimulava o desejo. O desejo era obra do diabo, destrói o homem, a mulher será, então, a inspiradora do desejo, por sua excelência agente do mal, causa do desespero, da morte, da danação eterna do sexo masculino (MACEDO, 1990).

Já que o principal objetivo do diabo é corromper a fé, prefere então atacá-las... são mais impressionáveis e mais propensas a receberem influência do espírito descorporificado [...] mas a razão natural está em que a mulher é mais carnal que o homem, o que se evidencia (KRAMER; SPRENGER, 1991, p.115-116).

A mulher é aquela responsável pela indução do homem ao pecado, sendo a porta de entrada do demônio, responsável pela condenação e pelos tormentos do homem. Ela constitui-se, assim, como vítima e parceira do diabo (NOGUEIRA, 1991).

Figura 2 - A mulher como agente da perdição



Fonte: Basswemamm, 1968.

A vitimização da mulher era decorrente dela sucumbir e entregar-se ao mal, mesmo consciente de sua futura condenação e punição eterna. Assim, havia uma dualidade em relação a mulher, enquanto perpetuadora dos males que afligiam os homens e, ao mesmo tempo, parceira e vítima do mal (KRAMER; SPRENGER, 1991).

Já dizia São João Crisóstomo (*apud* KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 114.)

Que há de ser a mulher senão uma adversária da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleito nocivo, um mal da natureza, pintado de lindas cores.

Percebe-se que São João Crisóstomo destaca a predisposição natural da mulher ao mal, e também a periculosidade que elas representam ao homem, quando

diz que são nocivas, estimulando os homens a largarem sua fé e se entregarem aos atos carnavais.

Considera-se importante dizer que, apesar da concepção medieval sobre a mulher ser relacionada à luxúria e ao pecado, havia, paralelamente, a imagem da santa, relacionado ao culto da Virgem Maria.

No século XII, Santo Anselmo e Abelardo celebram o regozijo do sexo feminino com a “nova Eva”, a mulher-símbolo de pureza, da grandeza, da santidade. No tratado *Cur Deus homo* Anselmo consola amavelmente as mulheres afirmando os poderes de Maria; assim como Eva foi a responsável pelo pecado original, a Virgem Maria, “Nova Eva”, era a fonte da redenção (MACEDO, 1990, p. 45).

O culto mariano não ficou restrito apenas à Europa, ele foi trazido para o Brasil com os colonizadores, assim como foi levado para outras regiões colonizadas e ocupadas por portugueses e espanhóis. Segundo Boxer (1997, p. 129), “a popularidade e fervor do culto da Virgem não perdeu em nada com a emigração através dos Sete Mares e, se possível, teve tendência a aumentar”.

Em pleno século XII, quando está sendo desenvolvida uma teologia e uma moral do casamento, aparece uma outra interpretação. Deus fez Eva da costela de Adão para mostrar a união monogâmica como indissolúvel.

Se o homem separa-se de sua mulher por causa qualquer que não seja fornicção, mutilado de uma costela, já não é completo. Para a mulher é bem pior: se abandona seu homem, ela não existirá mais para Deus, pois não é, de início, um corpo completo nem uma carne completa, mas apenas uma parte oriunda do homem (DUBY, 2001, p. 51).

Desde os primórdios do cristianismo, partindo dos fundamentos teológicos do masculino/feminino, se encarregaram de abordar positivamente o primeiro, e negativamente o segundo. Aliás, a literatura medieval se encarregou de tal fato, exaltando e definindo-a por suas deficiências do feminino em relação a natureza humana, revelando apenas o ponto de vista masculino sobre o outro. Assim, se faz necessário compreender a literatura medieval nas suas entrelinhas, onde ela traz à tona modelos femininos idealizados, não mostrando com precisão as suas aspirações, muito pelo contrário, mostram como deviam ser (LE GOFF, 2002; MACEDO, 1990).

3.2 OLHARES OTIMISTAS

Os defensores de uma visão mais otimista em relação ao papel e a condição da mulher no período medieval, destacam, em primeiro lugar, que é falso a proposição de que a sociedade nessa época era essencialmente misógina devido às doutrinas da Igreja Católica. Para esses historiadores, o cristianismo medieval não postulava que a mulher possuía uma natureza ruim em si mesma, ou especialmente decaída, se comparada a do homem. Na realidade, para a Igreja, tanto o homem quanto a mulher, desde a Queda, isto é, desde que Adão e Eva foram expulsos do paraíso, estão corrompidos pelo pecado original. A partir desse momento, o ser humano, independente do sexo, tende a fazer o mal, embora deva usar sua liberdade e as forças sobrenaturais que recebe da Igreja, para fazer o bem (PERNOUD, 2016; 1984).

Pode-se observar isso claramente nas afirmações de São Tomás de Aquino, considerado um dos mais relevantes pensadores medievais, e pai de uma escola filosófica específica, batizada em sua homenagem – o tomismo⁵. Tomás de Aquino afirma sobre a criação da mulher que:

Deus criou Eva a partir de uma costela de Adão, não a criou a partir da cabeça, nem do pé; se a tivesse criado a partir da cabeça, isso significaria que via nela uma criatura superior a Adão; inversamente, se a tivesse criado a partir do pé, ela seria inferior. A costela é no meio do corpo e esse gesto estabelece a igualdade entre Adão e Eva segundo a vontade de Deus (LE GOFF, 2013, p. 122).

Assim, para os propugnadores da visão otimista, o tradicional *slogan* de que Igreja foi hostil à mulher no período medieval é falsa. Esse preconceito tornou-se tão forte e arraigado no senso comum que, em meados do século XIX, passou a afirmar-se que o cristianismo apenas no século XV admitiu que a mulher tinha alma, negando essa realidade anteriormente, e equiparando a mulher às pedras e minerais. Essa afirmação não possui qualquer base documental e factual, uma vez que no período medieval, justamente por ter alma, a mulher também era objeto de

⁵ O tomismo se caracteriza, sobretudo pela tentativa de conciliar o aristotelismo com o cristianismo. Procurando assim integrar o pensamento aristotélico e neoplatônico, aos textos da Bíblia, gerando uma filosofia do Ser, inspirada na fé, com a teologia científica (FAITANIN, 2017).

serviços e cuidados religiosos, tais como o batismo, a confissão (e demais sacramentos), pregações etc. (PERNOUD, 2016, p. 143).

As mulheres, no entanto, além de receptoras da vida sacramental oferecida pela Igreja, também ocupavam cargos de liderança e de poder nessa instituição, influenciando diretamente em seu funcionamento, e assim, nesse aspecto, tornando-se iguais socialmente aos homens. Isso foi uma inovação social e mental trazida especificamente pelo cristianismo, e que não existe em sociedades não-cristãs anteriores à Idade Média, que ofereciam possibilidades muito inferiores de emancipação feminina (LOPEZ, 1997).

Dessa maneira, muitas mulheres desfrutavam dentro da Igreja e, conseqüentemente, na sociedade como um todo, de um significativo poder no período medieval. A figura que mais se destacava nesse sentido, era a da abadessa, que “eram autênticos senhores feudais, cujo poder era respeitado de um modo igual ao dos outros senhores; algumas usavam báculo, como o bispo; administravam muitas vezes vastos territórios com aldeias, paróquias” (PERNOUD, 1978. p. 95).

Figura 3 - Hidelgard de Bingen abadessa do mosteiro de Rupertsberg.



Fonte: .wikimedia.org, 2017.

As abadessas eram extremamente poderosas. Eram notáveis mulheres que faziam dos conventos centros de cultura. Ao se estudar o início do Sacro Império Romano-Germânico, nota-se, especialmente, a presença soberana das abadessas. Nas abadias, as mulheres religiosas recebiam uma educação sólida, aprendendo além do Latim, também Grego e Direito (PERNOUD, 1984).

Além da grande influência na esfera eclesiástica, as mulheres também tinham lugar de destaque fora das abadias e conventos.

Nos atos notariais é muito frequente ver uma mulher casada agir por si própria, abrindo, por exemplo, uma loja ou um negócio, e isto sem ser obrigada a apresentar uma autorização do marido. Finalmente, os registros das derramas (nós diríamos os registros dos recebedores), quando nos foram conservados, como é o caso de Paris, no fim do século XIII, mostram uma multidão de mulheres que exerciam profissões: professora, médica, boticária, educadora, tintureira, copista, miniaturista, encadernadora, etc. (PERNOUD, 1978, p. 101).

Robert Foster constata, ao ver os inventários arqueológicos das aldeias e moradias medievais, um número superior de instrumentos femininos, pessoais e domésticos aos dos homens, na sua vida cotidiana.

Considera que, numa época onde comer era essencial, onde a casa era célula mestra da sobrevivência, a que controlava as reservas preparava os alimentos detinha o papel essencial na vida social. A mulher, segundo ele, ao reinar no lar, ocupava o centro da sociedade (MACEDO, 1990, p. 26).

Mas, não se pode ser pessimista a ponto de pensar que a vida da mulher restringia-se apenas ao meio familiar. Além de serem exímias administradoras do lar, muitas, devido às dificuldades do tempo, passaram a desempenhar ao lado do esposo, ou sem ele, inúmeras atividades fora do lar. “Elas tiveram, querendo ou não, de lutar para sobreviver. Participaram em praticamente todos os setores da economia” (MACEDO, 1990, p. 27).

Existe uma crença que a mulher no medievo era submissa à figura masculina, quer no lar, quer fora dele, isto é, nos trabalhos realizados nas cidades ou no campo, ou ainda nas esferas eclesiásticas. Dentro das estruturas familiares na idade média, o homem era quem chefiava, porém, isso não queria dizer que a mulher ficasse à sombra deste. Sendo assim, o homem tinha a autoridade de um gerente e de um administrador, não a de um proprietário (PERNOUD, 2016).

A mulher não era uma propriedade, ou algo submissa à figura masculina, já que desempenhava e opinava nas decisões. Elas votavam em assembleias urbanas e comunas rurais.

Frequentemente nos divertimos em conferências ou palestras diversas, citando o caso de Gaillardine de Fréchou, que diante de um arrendamento proposto aos habitantes de Caeterets, nos Pirineus, pela abadia de Saint-Savin, foi a única a votar não, quando todo o resto da população votou sim (PERNOUD, 2016, p. 150).

A figura feminina mesmo no casamento, tomava as rédeas em sua vida. Era comum achar em atas de notários, mulheres abrindo uma loja ou uma venda, sem ser obrigada a pedir permissão ao marido (PERNOUD, 1984). Ao revisar registros fiscais ingleses, encontra-se uma grande quantidade de mulheres envolvidas em transações mais importantes, ligados principalmente à exportação de lã (MACEDO, 1990).

De acordo com o hundred rolls, no ano de 1274 alguns dos mais expressivos negociantes foram viúvas londrinas, como Isabella Buckerel e outras. Exportavam lã para Calais e outras cidades francesas onde havia produção de tecidos. [...] Outra londrina, Rosa de Burford, participava, em 1318, das transações do marido. Numa delas, um empréstimo foi feito ao rei para ser empregado no financiamento das guerras contra a Escócia. Anos depois, na qualidade de executora testamentária do esposo falecido, ela tentou receber o montante do empréstimo acrescido de juros. Depois de cinco tentativas infrutíferas, propôs uma alternativa para solucionar o problema. Em vez de receber o dinheiro, preferiu requerer isenção de impostos sobre suas transações no comércio de lã (MACEDO, 1990, p. 38).

As mulheres estão presentes tanto no grande como no pequeno comércio. Trabalhavam nas indústrias de vestuário, como: “bordadeiras, peleiras tratando de forros (duas profissões sobretudo masculinas), luveiras, chapeleiras, botoeiras (sabemos que o botão, que constituiu uma pequena revolução no domínio do vestuário no século XIII)” (PERNOUD, 1984, p. 188). Estavam presentes ainda na fabricação de tapeçarias e nas profissões alimentares. As mulheres representam um número significativo, nas: “carneiras e salsicheiras ou padeiras, forneiras e queijeiras” (PERNOUD, 1984, p. 189).

Elas também desempenhavam ofícios dos mais diversos possíveis, tais como: messageiras, fruteiras, cirieiras, lavadeiras e criadas de quarto. Não pode se esquecer de mencionar seu papel na resistência na Normandia durante a Guerra dos Cem Anos, que frequentemente trabalhavam como espiãs e agentes secretos (PERNOUD, 1984).

No meio rural, as mulheres encaravam outros desafios. Neste período, houve um número significativo de camponesas e também uma escassez de registros que possibilitam a melhor compreensão de seu papel no mundo rural. Entretanto, Macedo (1990, p. 27), elucida alguns aspectos de sua vida:

[...] uma camponesa deveria, quando casada, participar, ao lado do esposo, de todas as atividades desempenhadas na tenência, a parte do domínio senhorial onde trabalhava. Quando viúva, trabalhava com os filhos ou sozinha. Os documentos senhoriais registram a participação feminina em inúmeros serviços. Ela plantava ervilhas, feijão, pescava, batia o trigo, ordenhava as vacas, tosquiava os carneiros.

As aristocratas rurais, da alta nobreza ou apenas castelãs, foram chamadas inúmeras vezes para o cumprimento de atividades reservadas aos homens. A constante ausência dos companheiros, afastados em viagens, peregrinações, cruzadas ou guerras privadas obrigavam as esposas a substituí-los na administração das posses da família (PERNOUD, 1984).

Muitas mulheres, exerceram os direitos de um senhor feudal. “[...] entre 1152 e 1284, de 279 possuidores de domínios territoriais na região de champanha, 58 eram mulheres, damas ou moças” (MACEDO, 1990, p. 31). Por sua vez, as senhoras feudais enfrentavam dificuldades na administração de suas posses.

Tiveram de sustentar litígios incessantes com os homens para garantir seus direitos, particularmente aqueles ligados à aplicação da justiça. Numa época onde costumeiramente a aplicação da justiça dependia da força das armas, a mulher deveria adaptar-se às circunstâncias e às situações. Precisava demonstrar autoridade suficiente para evitar a rebeldia dos vassalos e impedir os ataques de vizinhos ambiciosos (MACEDO, 1990, p. 32).

A devoção das mulheres serviu de apoio indispensável à implantação e sobreposição do cristianismo nas sociedades bárbaras. Um exemplo que elucida muito bem esse fato, é o de Clotilde, esposa do rei Franco Clóvis, que foi decisiva para a aceitação do cristianismo no seio da população (MACEDO, 1990). A rainha, a tempo, insistia que Clóvis se convertesse ao cristianismo e renegasse os deuses pagãos (HILLGARTH, 2004; ROPS, 1978).

A conversão de Clóvis irá ocorrer quando suas tropas estavam enfrentando os alamanos.

Aconteceu que, quando os dois exércitos embateram-se, houve uma lamentável carnificina, e o exército de Clóvis estava sendo levado à

completa ruína. Quando o rei viu isso, ergueu os olhos aos céus e sentiu remorso em seu coração e, derramando-se e, lágrimas, bradou em voz alta: “Jesus Cristo, tu que fostes proclamado por Clotilde Filho de Deus vivo, tu que dizem auxiliar os necessitados e conceder a vitória aos que depositam sua esperança em ti, eu imploro, de coração devoto, a glória de teu socorro. Se tu me concederes a vitória sobre esses inimigos e a experiência comprovar o poder que o povo dedica a teu nome, então também creerei em ti e serei batizado em teu nome. Clamei por meus próprios deuses, mas eis aqui a prova de que eles me abandonaram sem me ajudar; por isso não acredito que tenham poder algum, já que não vêm em socorro de seus servos. A ti agora invoco, em ti sou forçado a acreditar, se puder ser afastado das garras de meus adversários” (HILLGARTH, 2004, p. 96).

Após essa suplica, os alamanos começaram a retirar-se do campo de batalha e, ao notarem que seu Rei havia sido morto, renderam-se a Clóvis (HILLGARTH, 2004).

Algo que era marcante no período medieval eram os casamentos arranjados, onde moças e rapazes, desde o berço eram prometidos um ao outro. Isso era mais decorrente nas famílias nobres, especialmente as famílias reais, essa era umas das responsabilidades desde o nascimento, pois, por meio do casamento entre dois herdeiros de um feudo, considerava-se o melhor meio de selar um tratado de paz e assegurar uma amizade recíproca (PERNOUD, 2016).

Entretanto, a igreja se pronunciava contra isso. Onde, em 30 de novembro de 1215, ocorreu o quarto concílio de Latrão, no palácio de Latrão em Roma. Neste concílio foram adicionados 70 cânones ao código eclesiástico (JEDIN, 1961), dentre eles, o cânone 51, que fazia das cerimônias de casamento um ato público⁶, que só pode ocorrer quando ambas as partes estiverem em comum acordo (LE GOFF, 2013).

Durante os séculos de ouro da Idade Média, o reinado de uma rainha era algo natural. Tantos foram os exemplos na época feudal, e ainda medieval, de mulheres que dirigiram e administravam domínios por vezes extensos territorialmente.

Quase todos os principados laicos belgas foram governados por mulheres num ou noutro momento da sua história: citamos as condessas Joana

⁶ Por que um ato público? Porque, num período em que combate vigorosamente a consanguinidade, a igreja quer evitar que se possa ignorar, ou fingir ignorar, uma ligação de parentesco entre os futuros esposos: quero lembrar que, teoricamente, a consanguinidade se estendia nessa época até a sétima geração, e era frequente que os indivíduos ignorassem seus ancestrais, sua genealogia, mesmo nos meios aristocráticos (LE GOFF, 2013, p. 123).

(1205-44) e Margarida de Constantinopla (1244-80) na Flandres e em Hainaut, a duquesa Joana em Brabante (1355-1406), Margarida da Baviera em Hainaut (1345-56), Maria da Borgonha para o conjunto de principados (1477-82) (PERNOUD, 1984, p. 197).

Elas, por sua vez, não desejavam imitar ou copiar um modelo masculino. “O exercício do poder supremo não as impedia, no entanto, de serem plenamente mulheres” (PERNOUD, 1984, p. 198). Mesmo quando adentravam o cenário militar e político, permaneciam essencialmente mulheres, não renunciando a admiração e o amor dos homens, e propondo soluções puramente femininas que teriam escapado ao senhor ou ao Capitão.

Branca de Castela chegando ao cerco do Castelo de Bellême, em 1229, e verificando que o exército está literalmente paralisado de frio; ela depressa manda cortar madeira nas florestas dos arredores e aquece assim os seus homens, que reencontram em simultâneo o ardor para terminar um cerco que se arrastava já há várias semanas. Da mesma forma, encontramos em Joana d’Arc, em simultâneo ardor no combate, a ternura de mulher quando se debruça sobre um inglês ferido e um bom senso que quase maternal perante um exército que combate desde a madrugada: <<Repousem, comam e bebam>>; depois do que, nesse 7 de maio de 1429, os seus companheiros conquistam a cidadela de Tourelle, objeto dos seus assaltos (PERNOUD, 1984, p. 198).

Joana d’Arc é a mulher referência que se sobressai na sociedade medieval. Ela em oito dias, num cerco que durou 7 anos, em Orleans, alterará o equilíbrio de forças, ganhando dos Ingleses a batalha de Patay. Ela fez coroar o rei Carlos VII, em Reims, que vivia há sete anos retirado, afastado do trono por um tratado e, em 1420, substituiu o herdeiro do rei da Inglaterra, o futuro Henrique VI (PERNOUD, 1984).

Várias mulheres são consideradas especialmente relevantes para o período medieval, cita, aqui, apenas algumas, destacadamente as rainhas, especialmente importantes por seu poder político. As rainhas, na ausência de seus maridos, assumiam o reino e o governavam efetivamente, por exemplo, Leonor da Aquitânia (1122-1204) e Branca de Castela (1188-1252). A imperatriz Adelaide da Itália, governou ao lado de seu marido, Oto I, e mesmo após a morte dele, mostrou seu poder ao assegurar a ascensão de seu filho, Oto II, e, posteriormente, para seu outro filho, Oto III. Adelaide, além de políticas, também incentivou as artes na corte do império (PERNOUD, 1984; MACEDO, 1990; LE GOFF, 2013); Matilde de Canossa (1045 – 1115), ainda jovem, sofreu com a morte de seu marido, o duque da

Alta Lotaríngia, onde, sem herdeiros, ocupou o administração das terras como suserana do reino da Itália. Ela foi reconhecida nesse período pelo papel de extrema influência que desempenhou quando o imperador Henrique IV foi excomungado por Gregório VII, quando ela surgiu como aliada da igreja na reconciliação entre essas duas forças, sendo que o encontro se deu em seu Castelo de sua família, em Canossa (LE GOFF, 2013).

Além de aparecerem mulheres religiosas como a abadessa Herrad de Landsberg, escritora da mais conhecida enciclopédia do século XII, a *Hortus deliciarum* (jardim de delicias), “no qual eruditos retiravam os ensinamentos mais corretos sobre o avanço das técnicas em sua época” (PERNOUD, 2016, p. 145).

Foi no fim do século XVI, por um decreto do parlamento francês, datado de 1593, que a mulher foi afastada explicitamente de toda a função no Estado.

A influência crescente do direito não tarda então a confinar a mulher no que foi sempre seu domínio privilegiado: os cuidados domésticos e a educação dos filhos. Até o momento em que isto também lhe será retirado por lei, por que, destaquemos, com o Código de Napoleão, ela já não é nem mesmo a senhora de seus próprios bens e desempenha, em sua casa um papel subalterno (PERNOUD, 2016, p. 151-152).

Evidente que ao declínio do regime feudal e o ressurgimento da antiguidade clássica, iria vir com ela o direito romano. Este, por sua vez, era utilizado para centralizar o poder na mão de uma pessoa. Pode-se ver que a Idade Moderna foi marcada por regimes absolutistas. Ele influenciou dentro das estruturas familiares, a liberdade que a mulher possuía outrora, foi esquecida e confinada ao lar. Assim, os Homens, dentro de suas casas, foram proprietários de seus filhos e esposas, sendo eles que decidiam se os mesmos viveriam ou morreriam. A mulher como agente ativa de sua vida ficará esquecida na Idade Média, e se pode notar respingos desse esquecimento ainda na pós-modernidade, onde, aos poucos, ela vem ocupando e tomando as rédeas de sua vida.

Entre todas as notáveis religiosas da Idade Média, é necessário dar maior atenção à contemporânea de Herrad de Landsberg: A abadessa e Santa Hildegard de Bingen. Ela que será o foco do próximo capítulo.

4 HILDEGARD DE BINGEN: A MULHER QUE UNIU O CÉU E A TERRA

Uma das figuras mais emblemáticas da Idade Média foi uma mulher: Hildegard de Bingen, última filha do casal de nobres Hildebert e Mechtild, nasceu em torno de 1098, em Bermersheim, na Francônia-Renânia, região que está localizada às proximidades do Rio Reno (DE BINGEN, 2015; PERNOUD, 1996).

Desde criança, já se diferenciava das outras.

“No terceiro ano de minha existência vi uma luz tal que minh’alma estremeceu, mas por causa de minha pouca idade eu nada pude dizer”. E prossegue: “No oitavo ano de minha existência, fui ofertada a Deus em oferenda espiritual e, até o meu décimo quinto ano, vi muitas coisas e às vezes eu as dizia com toda simplicidade, de modo que os que me escutavam se perguntavam de onde vinha e o que seria aquilo” [...] (PERNOUD, 1996, p. 12).

Certo dia, perguntou à sua ama se ela via o mesmo que ela, tendo recebido uma resposta negativa, ela não ousou revelar as suas visões a quem quer que fosse (PERNOUD, 1996).

Com oito anos de idade, Hildegard foi confiada à abadessa e ex-condessa Jutta, filha do Conde Stephen de Sponheim, no mosteiro das beneditinas de Disibodenberg⁷, que foi sua tutora. Lá lhe ensinaram os “salmos e a tocar decacordo, instrumento com que se lhes acompanhava o canto. Na época, toda educação começava pelo canto, e pelo canto dos salmos” (PERNOUD, 1996).

Nesta época, as famílias mais abastadas mandavam seus filhos para um convento/abadia/mosteiro em tenra idade, não só com o intuito de que as mesmas seguissem a carreira religiosa, mas visando a uma educação primorosa, uma vez que estes locais estavam entre os mais importantes centros de cultura da Europa e podiam promover uma educação esmerada para os filhos da nobreza. A educação formal de Hildegard foi inteiramente desenvolvida no mosteiro de Desibodenberg, onde foi noviça e, em seguida, monja e abadessa (PERNOUD, 1996).

Hildegard sempre teve uma saúde frágil. Mais tarde seu biógrafo a descreverá no estilo hagiográfico:

⁷ Este era um mosteiro dúplice, ou seja, abrigava monges em uma parte e monjas na outra. Ele foi fundado três séculos antes por monges irlandeses (PERNOUD, 1996).

Porque os vasos de argila são experimentados na fornalha, e a coragem se aperfeiçoa na enfermidade, as dores de saúde não lhe faltaram e manifestaram-se desde a pequena infância, numerosas e quase continuadas, de modo que raramente se mantinha sobre seus pés (PERNOUD, 1996, p.14).

Ao atingir a maioridade, aos 15 anos, Hildegard se tornou monja e com o falecimento daquela que foi sua tutora, Jutta, em 1136, aos 38 anos de idade, ela tornou-se responsável pela parte feminina do mosteiro de Disibodenberg (DE BINGEN, 2015).

Cinco anos depois, aos quarenta e três anos de idade, Hildegard teve sua primeira grande experiência mística, momento em que recebeu – como ressalta ela – “o encargo de Deus” para escrever e pregar. Essa experiência implicou uma mudança radical de vida, ou seja, sair da vida de reclusão e iniciar uma vida de peregrinação/pregação (DE BINGEN, 2015).

[...] quadragésimo terceiro ano da minha jornada terrestre, enquanto eu observava com grande medo e atenção trêmula uma visão celeste, eu vi um grande esplendor no qual ressoou uma voz do Céu, me dizendo, ‘Ó frágil humana, cinza das cinzas, sujeira das sujeiras! Fale e escreva o que você vê e ouve. Mas, uma vez que você é tímida na fala e simples na exposição, e sem aptidão para a escrita, fale e escreva essas coisas não pela boca humana, e não pelo entendimento da invenção humana [...], mas como você as vê e ouve nas alturas nos lugares celestiais nas maravilhas de Deus’ (DE BINGENSIS, 1978, p. 3).

Até então, apenas duas pessoas sabiam de suas visões: a sua mentora Jutta e o monge do mosteiro de São Disibod, chamado Valmor, que mais tarde se tornou conselheiro, assistente e amigo de Hildegard (PERNOUD, 1996).

Posteriormente, Hildegard tornou pública suas visões, descrevendo-as em seu primeiro livro, *Scito vias Domini* (“Conhece os caminhos do Senhor”), que depois foi abreviado simplesmente para *Scivias*. Logo que começou a escrever seu livro, Hildegard procurou a aprovação de suas ideias pelas autoridades da Igreja. Assim, inicialmente, em uma carta, recorreu a São Bernardo de Claraval, santo importante e poderoso de sua época, que a encorajou a terminar de escrever suas experiências. No entanto, Hildegard buscou uma aprovação ainda mais forte e, então, recorreu ao Papa Eugênio III. O papa, em 1147, durante o Sínodo de Trier, encarregou uma comissão de teólogos, para examinar os relatos de suas visões. A comissão, por fim, emitiu um parecer favorável, considerando que não havia nada de errado ou danoso

à fé católica em seu livro, que, então, Hildegard finalizou e publicou (DE BINGEN, 2015).

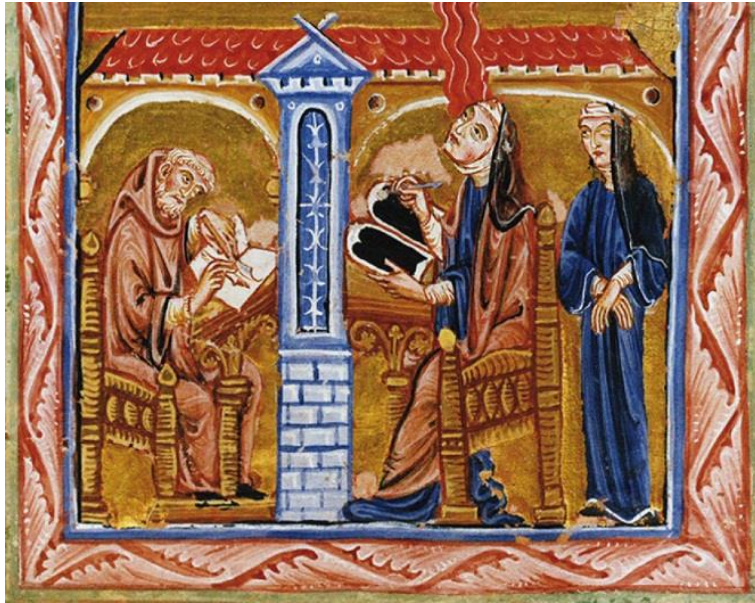
Ela concluiu a redação do *Scivias* em 1151, que trouxe de forma ordenada, 26 visões sobre os mistérios da salvação, que foram divididos em três livros. O primeiro deles contém seis visões sobre a criação e a entrada do mal no mundo, até a queda de Lúcifer. O segundo, com sete visões sobre a salvação e a encarnação de Jesus Cristo. Por fim, o terceiro traz treze visões, no qual fala sobre as virtudes e sua tarefa na construção da salvação (DE BINGEN, 2015).

Hildegard não foi a única mulher a escrever livros. Muitos são os exemplos de mulheres que a antecederam que haviam escrito várias obras, sendo elas: Perpétua, Egéria, Baudonívia, Dhuoda e Hrotsvitha, ou até mesmo a contemporânea de Hildegard, a francesa Heloísa. Entretanto, não foram muito mencionados esses nomes, pois, a fama de Hildegard no contexto medieval foi tão prodigiosa, conquistando inúmeros seguidores e admiradores, que ofuscou e eclipsou as demais autoras (DE BINGEN, 2015; PERNOUD, 1996).

Em muitos dos manuscritos da abadessa Hildegard encontram-se ilustrações, dentre eles num pequeno quadrado, uma pequena iluminura aparece a própria monja, com rosto erguido para a imagem que derrama, sobre sua cabeça, raios luminosos.

Sentada em uma cadeira de espaldar alto, ela tem nas mãos as tabuinhas, decerto para anotar rapidamente a visão que lhe aparece e poder descrevê-las depois. Veste uma túnica preta, encoberta por um manto marrom que deixa entrever uma orla branca onde as mangas envolvem os punhos das suas mãos, a que segura as tabuinhas e a que escreve. As tabuinhas, de cera negra, são de formato absolutamente comum, e vêem-se duas colunas em cada uma. Em frente a Hildegard e voltado para ela está sentado um monge. Ele escreve sobre um códex de pergaminho e segurando um tiralinhas, como era costume na época, enquanto maneja sua pena de ganso. Esse monge idoso é sem dúvida Volmar. [...] há uma jovem em pé, postada atrás de Hildegard. Está vestida com uma longa túnica preta, a cabeça coberta por uma coifa da qual se desprende um véu, também preto, que lhe cai de lado. Trata-se provavelmente de Richardis, a religiosa do convento de Bingen, a quem Hildegard dizia amar “como Paulo amou Timóteo” (PERNOUD, 1996, p. 20- 21).

Figura 4 - Hildegard recebendo a luz divina.



Fonte: Pernoud, 1996.

Após tomar conhecimento dos seus dons, o papa escreveu a ela, estimulando-a a continuar com seus escritos, bem como a sua transferência e das demais monjas para Rupertsberg⁸, uma localidade às margens do rio Reno, perto do pequeno porto de Bingen. O número de irmãs na fundação da Rupertsberg cresceu. Em 1165, Sta. Hildegard adquiriu e fundou seu mais novo convento, para onde transferiu 30 irmãs de Rupertsberg para Eibingen, à margem direita do rio Reno, onde visitou duas vezes por semana. Esta rápida aceitação eclesiástica de seu papel como profetisa contribuiu para fomentar seu prestígio entre os grandes de seu mundo, tanto seculares quanto religiosos (PERNOUD, 1996).

Não se pode negar a influência que essa mulher exerceu nesse período. Além de ser uma Abadessa, uma importante posição para uma mulher dentro da igreja (sendo ainda abadessa de dois mosteiros), ela trocava cartas com papas, era escritora de diversas obras, mentora espiritual de imperadores e condessas. Um grande exemplo é a Leonor de Aquitânia, com quem manteve correspondências.

Leonor de Aquitânia, a condessa do Palatinato, e a muitos outros ainda, papas, imperadores, bispos; teólogos interrogam-na sobre pontos de doutrina, e a relação das suas Visões é uma empresa ambiciosa, visto que

⁸ Vítima das invasões suecas do século XVII, está hoje completamente em ruínas.

ela abraça a origem do mundo, a estrutura em que o homem toma lugar e um imaginário do além (DUBY, 1990, p. 537).

Leonor de Aquitânia interrogava-lhe e questionava-lhe e, ao mesmo tempo, buscava seus conselhos e orientações. Esta correspondência deixou um importante legado para a posteridade com temas variados, além de exercer uma grande influência sobre as lideranças de seu tempo (LE GOFF, 2013).

Uma das primeiras cartas da visionária está dirigida ao sacro imperador Conrado III, da família Hohenstaufen. Entretanto, esse fato não é de se espantar, ao rever suas correspondências, foi-se deparando com uma classificação hierárquica de cartas recebidas e enviadas. Primeiro, com o papa e os bispos, em seguida, autoridades políticas, começando pelos sacros imperadores germânicos (PERNOUD, 1996). Em especial, aconselhava o Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Frederico Barba-Roxa, notório inimigo dos papas, mesmo quando esses conselhos não foram solicitados por ele (DE BINGEN, 2015).

Além de visionária e conselheira espiritual, Hildegard de Bingen teve várias outras ocupações e talentos. Foi uma das personalidades que mais se sobressaiu no século XII, considerada como uma pessoa eletrizante. Sua abadia foi um centro de estudos, permitindo-lhe desenvolver não só o misticismo visionário, que a acompanhava desde pequena, mas suas muitas outras capacidades intelectuais e artísticas. Dentre suas inúmeras aptidões estava a de ser:

Compositora, poeta, naturalista, fundadora de conventos, teóloga, pregadora, milagreira e exorcista; revelou os segredos da criação e da redenção e o respeito mútuo entre todas as obras criadas. Apresentou guias de conduta para alcançar a vida eterna e se ocupou do funcionamento do corpo humano, suas enfermidades e os remédios para tratá-las. Seus livros teológicos têm o frescor do verdadeiro e imutável e seus livros médicos demonstram uma fonte de saúde (LE GOFF, 2013, p. 165).

Hildegard não só tinha visões místicas, mas também foi responsável pela redação do saber enciclopédico e médico, onde redigiu um vasto *Liber dieversarum naturarum creaturarum* (“Livro das sutilezas das criaturas divinas”), que chegou a posterioridade intitulado *Physica* e o *Causa et Curae* (“As causas e os remédios”). O primeiro era uma classificação de diversos elementos naturais do mundo, tais como plantas, animais, pássaros e peixes. Incluía, ainda, pedras preciosas e metais. Já no segundo, trata de assuntos fisiológicos, misturando de forma fascinante a ciência tal como se conhecia até aquela época, as aplicações simbólicas e um sentido comum

baseados na observação dos fatos. Também compôs canções litúrgicas. Essa será uma imensa obra, que trata ao mesmo tempo da teologia visionária como ciência médica e natural (LE GOFF, 2013).

Hildegard pode ser considerada um elo entre dois tipos de conhecimento distintos e separados em sua época: a teoria e a prática, a erudição e a técnica. Assim, ela é uma figura religiosa e culta, que sabe ler e escrever o latim escolástico, e conhece as obras dos autores antigos. Por outro lado, ela também conhece métodos práticos e empíricos, especialmente na área médica e farmacológica, usando a horta da sua abadia para a produção de remédios. Essas experiências e descobertas empíricas são relatadas em seus tratados médicos (PERNOUD, 1996).

Ela possuía um espírito astuto que possibilitou a compreensão nítida do que ocorria em seu entorno e, graças a isto, pôde ampliar enormemente seus conhecimentos sobre quase todos os aspectos da vida humana. Sua perspicácia, interesse e espírito inquieto lhe permitiam analisar, pesquisar e depois usar o que aprendeu para ajudar aos que a rodeavam e que a ela recorriam em busca de auxílio para a cura de seus males físicos, mas, sobretudo, para os males do espírito (DE BINGEN, 2015). Por isso, seu trabalho sob o ponto de vista médico é grandioso e respeitável e, de acordo, com Pernoud (1996, p. 86):

Pode-se dizer que, de fato, do ponto de vista médico, alimentar e ambiental, Hildegarda nos faz apreciar virtudes ignoradas ao nosso redor: animais, plantas, (ervas, madeiras), e pedras. Ela nos convida a renovar nossa visão. Porque aos seus olhos é o valor curativo, benéfico, que as plantas, as frutas, os animais, os peixes, etc. podem proporcionar ao homem que é o que mais interessa. Uma vez que cada elemento da natureza possui, assim, o seu valor, salutar ou prejudicial, é isto que os trabalhos da abadessa nos ensinam a discernir.

Hildegard considera, por influência da mentalidade de sua época, que a maior parte das doenças dos homens existem como consequência do pecado original, que comprometeu a harmonia entre o Criador e a criatura. Assim, ela não vê a doença como uma questão exclusivamente de ordem física, fazendo conexões entre os males que afligem a alma e aqueles que afligem o corpo (DE BINGEN, 2015).

Numa época em que os hospitais ainda eram raros, os mosteiros representavam uma das poucas possibilidades de obter cuidados médicos, embora prevaleça a compreensão de que a medicina dos mosteiros 'considerava a doença um castigo [...] e exigia, portanto, orações e

arrependimento, a par de cuidados médicos'. É possível que esta interpretação do caráter eminentemente religioso da medicina nos mosteiros tenha influenciado a apreciação do trabalho médico de Hildegard von Bingen como fruto da sua religiosidade. (ALMEIDA, 2009).

Por essa razão, alguns historiadores da medicina não consideram as obras de Hildegard como livros propriamente médicos, como observa Almeida (2009):

[...] de fato, uma pesquisa preliminar demonstra esta resistência no fato que Hildegard não ser mencionada no verbete Medicina do Dicionário de Idade Média organizado por LOYN. O verbete MEDIZIN, do Sachwörterbuch der Mediävistik (DINZELBACHER, 1992, p. 515) menciona apenas o seu nome e datas de nascimento e morte, sem aludir a nenhuma de suas obras. Além disso, obras especializadas em história da medicina, como MARGOTTA e LYONS/PETRUCELLI, a ignoram por completo. Isso se deve provavelmente a um erro de interpretação bastante comum que consiste em apresentar o trabalho médico de Hildegard como resultado puro e simples da sua condição de religiosa.

Além de publicar várias obras teológicas e medicinais, Hildegard também se destacou nas artes plásticas e como compositora de várias obras musicais. Foi a responsável por compor cerca de 70 canções litúrgicas que são usados em mosteiro, que estão juntas na obra *Symphonia armonie celestium revelationum* ("Sinfonia da harmonia das revelações celestiais"), e um auto dramático-musicado, chamado de *Ordo virtutum* ("A ordem das virtudes"), que é a junção de 14 musicais que formaram um pequeno drama sacro musicado que, de forma didática, foi a síntese do *Scivias* ("Conhecer os caminhos do Senhor"), trazendo de uma maneira dramática a origem e destino final (LE GOFF, 2013).

Durante um longo período, ela foi esquecida dentro da igreja, entretanto, em 27 de maio de 2012, Domingo de Pentecostes, o Papa Bento XVI, comunica na Praça de São Pedro, à uma multidão de peregrinos que vieram de todo o mundo ouvir a notícia do conferimento de título de Doutora da Igreja universal à Santa Hildegard de Bingen. O título de "Doutor da Igreja", em que doutor aqui significa "professor", é um título dentro da Igreja e universalmente aplicada apenas a 35 cristãos, e dentre eles apenas 4 são mulheres (BENTO XVI, 2012).

Assim como foi apresentado no capítulo anterior, são vários os perfis de mulheres que compuseram o período medieval. Dessa forma, não se pode tomar por base um único exemplo para mostrar qual o papel da mulher na Idade Média, uma vez que, em cada segmento da sociedade, ascenderam diferentes personalidades

femininas. No campo surgiram as aristocratas rurais, na cidade, as comerciantes, as imperatrizes e, por fim, as mulheres religiosas. Dessa forma, Hildegard surgiu como um exemplo de mulher vinculada a igreja, onde desempenhou um papel fundamental, muitas vezes em pé igualdade com os homens.

Monja e fundadora de dois mosteiros, onde tornando-se abadessa, Hildegard passou a ocupar, dentro da igreja, um cargo de maior proeminência para uma mulher religiosa de sua época. Era permitido aos abades e abadessas usarem um instrumento que refletia imenso poder na Idade Média: o Báculo. No sentido lato, é um tipo de cajado usado pelos pastores para se apoiarem ao andar e para conduzirem o gado. Dentro da Igreja Católica, simbolizando o seu papel como pastores do rebanho divino, permitido apenas aos bispos usarem (PERNOUD, 1997).

Além disso, outra prática comum nesse período era administração de terras pela igreja. Com as invasões bárbaras dos séculos IV e V, a igreja tinha se tornado a única instituição estável, por meio dos bispos, mosteiros e abadias (PERNOUD, 1997; DURANT, 1957b). Os bispos e abades/abadessas, frequentemente, tornaram-se senhores feudais de toda ou parte da cidade onde residiam e cooperavam ativamente para defendê-la de invasores (PERNOUD, 1997).

Dessa forma, Hildegard enquanto abadessa dos mosteiros de Rupertsberg e Eibingen pôde ser considerada uma Senhora Feudal, um título de grande prestígio nas sociedades medievais, já que o senhor feudal poderia ser um príncipe, duque, conde, barão, cavaleiro e até mesmo ser um bispo, abade, arcebispo ou um cardeal. Assim, Hildegard utilizou das terras dos mosteiros, principalmente, para o plantio de plantas medicinais que ajudou no desenvolvimento de sua pesquisa sobre a medicina natural (FRANCO JUNIOR, 2006; DE BINGEN, 2015).

Como foi dito no capítulo anterior, muitas das mulheres foram responsáveis pela propagação do cristianismo. Nessa perspectiva, se insere Hildegard, visto que, constantemente, realizava excursões nas proximidades do rio Reno para realizar pregações (DE BINGEN, 2015).

Assim, vê-se que Hildegard tornou-se uma religiosa, estudiosa e, depois Santa, posição reconhecida como algo muito importante numa sociedade religiosa medieval. Seu exemplo e sua postura na sociedade mostraram que a mulher poderia ascender dentro da igreja, sendo que a instituição religiosa citada não se

mostrava avessa às mulheres, como foi exposto no capítulo anterior, na visão pessimista.

Na Primeira Idade Média, surgiram, dentro da igreja, pensadores misóginos, defendendo a subordinação natural da mulher ao homem, bem como ela ser a detetora do pecado original e que levou o homem à danação. Entretanto, como foi dito no primeiro capítulo, por Franco Junior, essa fase ainda carregará muitos das crenças da antiguidade clássica, onde viu-se que, nesse período, a mulher era vista como propriedade do homem. Assim, tais pensadores serão muito influenciados por essas crenças e serão refutados no período de ouro da Idade Média, onde São Tomás de Aquino será o responsável por contrapor as ideias misóginas (FRANCO JUNIOR, 2006; MACEDO, 1990).

5 CONCLUSÃO

É consenso na atualidade que a Idade Média não deve ser considerada a idade das trevas, termo utilizado em decorrência do Renascimento que surgiu em contraposição a este período. Porém, o termo idade das trevas não pode esconder as diversas contribuições que esse período representou às sociedades atuais. Assim, podemos afirmar que a Idade Média gestou o mundo ocidental tal como conhecemos hoje. A educação medieval, por exemplo, irá exprimir uma nova definição, onde consiste que esse processo deve ser feito de dentro para fora, e que será de responsabilidade do mestre essa extração e nutrição do conhecimento do estudante. Vale ressaltar que as universidades foram invenções medievais, tais como os títulos de Mestre e Doutores. A ciência que irá se desenvolver no medievo será muito criticada pelos renascentistas, uma vez que ela tinha por pretensão a união da fé ao conhecimento científico.

Existe a crença de que foi apenas no Renascimento, que houve o descobrimento da arte, porém os artistas medievais negavam a arte pela arte, e acreditavam que a beleza estava na sua utilidade. Assim, criaram a arte de ilustrar os textos sagrados, sendo que os responsáveis por essa ilustração eram os monges copistas. Vale ressaltar que todos os textos clássicos e o livro a qual se conhece hoje, deve-se aos monges copistas da Idade Média. Também não se pode esquecer as belezas arquitetônicas medievais, marcadas pelas catedrais góticas e românicas.

Algo que persiste na mentalidade contemporânea sobre o período medieval refere-se aos cavaleiros e seus atos heroicos, demonstrando uma imagem desprendida dos assuntos terrenos, que eram cultivados nas poesias líricas. A Idade Média cultivou esse romantismo sobre o cavaleiro e a donzela indefesa, por meio dos trovadores medievais. Vê-se que essa visão romantizada perpétua-se até os dias atuais.

Com relação às mulheres nas sociedades medievais - principalmente na Idade Média Central – percebe-se que elas não estavam à sombra de uma figura masculina, sendo que o homem, por sua vez, dentro da estrutura familiar, tinha a função de administrador e não de proprietário, tal como na antiguidade. O pessimismo atribuído à mulher medieval acabou ficando muito presente na Primeira Idade Média, onde se viu que os valores e crenças nesta fase estavam muito vinculados à Antiguidade.

Os pensadores misóginos, que surgiram na Primeira Idade média, defenderam que a mulher era a fonte do pecado e de luxúria, sendo ela a responsável por levar o homem à danação. Essa visão esteve intrinsecamente presente na história bíblica de Adão e Eva, uma vez que foi a mulher que levou Adão a comer o fruto proibido e, conseqüentemente, serem expulsos. Entretanto, nesse mesmo período surgiu a imagem da mulher perfeita, muito ligada à Maria, mãe de Jesus, sendo ela considerada a nova Eva, ou seja, aquela que veio para redimir os pecados da mulher. Assim, essa visão da mulher perfeita ou da mulher submissa ao homem foi construída por meio da literatura da época, onde, constantemente, houveram obras para reforçar a concepção desejada sobre o sexo oposto, mas não como efetivamente havia sido.

Nesse período era normal, nas cidades medievais, mulheres comerciantes, ou mulheres dos senhores feudais assumirem o controle do feudo na ausência do marido. Já as mulheres que se dedicaram à vida religiosa, passaram a dominar um autoconhecimento erudito.

Destaca-se que o direito romano foi completamente avesso às mulheres, restringindo-as ao lar. Porém, o direito romano não esteve atuante nos séculos dourados do período medieval, sendo retomado pelos Renascentistas, onde nota-se um grande regresso à condição da mulher, comparado ao período medieval.

Durante a Idade Média, a Igreja foi uma instituição muito presente e atuante. Com o Renascimento, procura-se dissociar razão da fé. Os pensadores que surgiram fizeram críticas intensas à igreja, porém, vê-se nesse período que ela foi a principal instituição que lutou pelos direitos das mulheres. Assim, pode-se ver a igreja por outro lado, não apenas pela visão dos renascentistas, mas, sim, através das estruturas e mentalidade medievais, devendo ser analisada criticamente pelas ferramentas conceituais historiográficas atuais.

Hildegard é um exemplo proeminente de mulher religiosa que surgiu no período de ouro medieval. Nota-se que ela não foi a única mulher a conquistar espaço nas sociedades medievais, sendo que várias outras personalidades estiveram presentes, tais como: Eleonor de Aquitânia e Joana d'Arc. Entretanto, dentro do perfil religioso, se destacou das demais, por ser uma estudiosa, escritora, abadessa, santa, compositora e médica. Sua influência pode ser notada a partir de suas correspondências, ora com papas, imperadores, bispos e assim por diante. Todavia, como escritora, foi responsável por redigir um conhecimento enciclopédico

dentro da medicina, e em sua obras teológicas será responsável pela propagação do cristianismo, bem como foi aclamada por papas, bispos e nobres de sua época. Também é conhecida em seu tempo, por ser compositora e dramaturga, responsável por mais de 70 sinfonias. Assim, vê-se em Hildegard uma mulher multifacetada, com sua importância dentro da igreja, também reconhecida, tanto que, em 2012, foi intitulada, pelo papa Bento XVI, como Doutora da Igreja, título concedido a apenas 4 mulheres, sendo Hildegard a mais antiga delas.

REFERÊNCIAS

ALÁRCÓN, Enrique (Org.). **Atualidade do tomismo**. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2008.

ALMEIDA, Cybele Crossetti de. Do mosteiro à universidade: considerações sobre uma história da medicina na Idade Média. In: **Revista de História – UFRGS**. Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/9830/5643>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

AQUINO, Felipe. **São Gregório Magno**: “Servo dos servos de Deus”. Disponível em: <<http://cleofas.com.br/sao-gregorio-magno-servo-dos-servos-de-deus/>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

BASCHETT, Jerome. **A civilização feudal**. São Paulo: Globo, 2006.

BASSWEMAMM, L. **História da prostituição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BENTO XVI, PP. **Santa Hildegarda de Bingen, Monja Professa da Ordem de São Bento é proclamada Doutora da Igreja universal**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_ildegarda-bingen_po.html>. Acesso em: 26 mai. 2017.

BOXER, Charles R. O culto de Maria e a prática da misoginia. In: BOXER, Charles. **A mulher na expansão ultramarina ibérica (1415-1815)**. Lisboa, Livros Horizonte, 1977.

BRAVO, Frederico. **Arte de enseñar, arte de contar**. Em torno al exemplum medieval. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2000.

COMMONS.ORG. **File**: AberdeenBestChristInMajesty. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:AberdeenBestiaryFolio004vChristInMajesty.jpg>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

_____. **File**:Cathedral of Amiens front. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cathedral_of_Amiens_front.jpg>. Acesso em: 06 abr. 2017.

_____. **File**:Se de Lisboa Frente. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Se_de_Lisboa_Frente.JPG>. Acesso em: 06 abr. 2017.

_____. **Hildegard von Bingen**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Hildegard_von_Bingen?uselang=pt>. Acesso em: 02 mai. 2017.

COSTA, Ricardo da. **A Educação na Idade Média. A busca da Sabedoria como caminho para a Felicidade:** al-Farabi e Ramon Llull. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/educacao-na-idade-media-busca-da-sabedoria-como-caminho-para-felicidade-al-farabi-e-ramon>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

_____. **A estética do corpo na filosofia e na arte da Idade Média:** texto e imagem. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?scr ipt=sci_arttext &pid=S0101-31732012000400011>. Acesso em: 20 mar. 2017.

DE BINGEN, Hildegard. **Scivias (Scito Vias Domini).** Tradução: Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2015.

DUBY, George. **A História Continua.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

_____. **Idade Média, idade dos homens.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **História Artística da Europa: Idade Média.** Tomo I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Eva e os padres.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DURANT, Will. **História da Civilização,** 4ª Parte, A Idade da Fé. 2. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1957b. (Coleção “História da Civilização”, Tomo 3º, Volume X).

FAITANIN, Paulo. **A Filosofia Tomista.** Disponível em: <http://www.instituto sapientia.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1332:a-filosofia-tomista&catid=115:tomismo&Itemid=472>. Acesso em: 22 mai. 2017.

FERNANDES, Cláudio. **A situação da mulher na Idade Média.** Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historia/a-situacao-da-mulher-na-idade-media.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média – Nascimento do Ocidente.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo. . Atlas. 2002.

GLANCEY, Jonathan. **História da arquitetura.** São Paulo: Editora Loyola, 2007.

GODOI, Pamela Wanessa. Iluminura Mariana. In: **II Encontro Nacional de Estudos de Imagem.** Paraná: Londrina, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/>>

eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Godoi_Pamela%20Wanessa.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2017.

GRANT, Edward. **Os fundamentos da ciência moderna na Idade Média**. Lisboa: Porto, 2004.

GUERRAS, Maria Sonsoles. **Os Povos Bárbaros**. São Paulo: Ática, 1987.

HILLGARTH, J. N. **Cristianismo e Paganismo 350-750**. A conversão da Europa Ocidental. São Paulo: Madras, 2004.

HUIZINGA, Johan. **O declínio da idade média**. Lisboa: Ulisseia, 1985.

JEDIN, Hubert. **Concílios ecumênicos**. São Paulo: Editora Herder, 1961.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum**: O martelo das feiticeiras. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1995.

LE GOFF, Jacques. **Homens e mulheres da idade média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

_____. **Uma longa idade média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2002.

LOPEZ, Elisa Estévez. El Poder de Significar de las Mujeres en las Comunidades de Pablo. In: **UBIETA**, Madri, 1977.

LOYN, Henry R; FRANCO JUNIOR, Hilário. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 1990.

MOTTA, Alexandre de M. **Metodologia da Pesquisa Jurídica**: O que é Importante Saber Para Elaborar Uma Monografia Jurídica e o Artigo Científico. Tubarão: Copiart, 2012.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser mulher na Idade Média. **Textos de história**, Brasília, v. 5, n. 1, 1997, p. 82-91.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. As companheiras de Satã: o processo de diabolização da mulher. **Revista Espacio, Tiempo y Forma**, Madri, s.4, t. 4, 1991.

OLIVEIRA, Ivone Brandão. São Jerônimo: cartas. **Ângulo**, n. 132, Jan./Mar., 2013, p. 14-19. Disponível em: <<http://www.fatea.br/seer/index.php/angulo/article/view/1095/862>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

OLIVEIRA, Talita Rosa Mística Soares. Identidades cristãs na antiguidade tardia: ressignificações dos valores e práticas romanas na apologia de Tertuliano. **Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo**, v. 10, n.1, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/aletheia/article/download/6686/5228>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

PERNOUD, Régine. **A mulher no tempo das catedrais**. Lisboa: Gravidia, 1984.

_____. **Idade Média: o que não nos ensinaram**. São Paulo: Linotipo Digital, 2016.

_____. **Hildegard de Bingen: A consciência inspirada do século XII**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

_____. **Luz sobre a Idade Média**. Portugal: Europa-America PT, 1997.

_____. **O Mito da Idade Média**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.

ROPS, Daniel. **A igreja dos tempos bárbaros**. São Paulo: Quadrante, 1991.

_____. **A Igreja das Catedrais e das Cruzadas**. São Paulo: Editora Quadrante, 2012.

SARANYANA, Josep-Ignasi. **História de la filosofia medieval**. 3. ed. Pamplona: EUNSA, 1999;

WOODS JR, Thomas. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. 8. ed. São Paulo: Quadrante, 2014.

YATES, Frances. **Giordano Bruno e a Tradição Hermética**. São Paulo: Círculo do Livro, 1964.